

Débora Storni Ragazzo

INFERTILIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE SIMBÓLICA

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

Débora Storni Ragazzo

INFERTILIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE SIMBÓLICA

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ida Kublikowski.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo

2011

Em memória de meu avô, Walter Storni, que me ensinou a importância de ter as pessoas amadas por perto, além de sempre ter apoiado meu desejo de me tornar psicóloga.

“Happiness is only real when shared.” - frase retirada do filme *Into the Wild*.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família pelo amor e pelo apoio que sempre me dão, cada um de sua forma, mas sempre fazendo com que eu me sinta acolhida. Aos meus pais, Wagner e Cristina, que possibilitaram a minha formação e tudo aquilo que precisei, com muito carinho. À Maria, pelo amparo que sempre me dá nos momentos em que preciso. À minha irmã Thais, sempre muito querida e amiga. Ao meu irmão Gustavo, por abaixar o volume da guitarra tantas vezes e estar sempre por perto. À minha avó Vera, pela ajuda com os textos bíblicos. À Silvana Felicori, pela amizade e apoio em relação ao texto.

À minha orientadora, Ida Kublikowski, por caminhar ao meu lado durante todo esse ano, apontando novos caminhos sempre de forma delicada, para que eu pudesse aprender e crescer como pesquisadora.

Ao Silvio João Jr., por sempre acreditar em mim e me apoiar nos momentos difíceis, além de me proporcionar a possibilidade de compartilhar meus sonhos.

Às minhas queridas amigas Andrea Edde, Bruna Gameiro e Nelma Madeira, que me acompanharam durante toda a formação com momentos inesquecíveis. Pelo companheirismo, por sempre estarem ao meu lado em todos esses anos, me proporcionando a certeza de que eu sempre teria alguém especial com quem contar.

Débora Storni Ragazzo. Infertilidade Feminina: Uma Análise Simbólica. 2011.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ida Kublikowski.

RESUMO

A infertilidade, tema de grande repercussão na história da humanidade, tem sido explorado por diversas áreas do conhecimento. A psicologia manifesta grande interesse em entender as implicações desse fenômeno, uma vez que o mesmo representa extremo sofrimento para as pessoas nessa condição. Através de uma visão psicossomática, com base na Psicologia Analítica, entende-se a infertilidade como uma expressão simbólica e, portanto, uma disfunção na totalidade do indivíduo. O objetivo do presente estudo foi compreender melhor essa manifestação simbólica e suas implicações sociais. Para tanto, foi realizada uma análise de produções culturais tal como pesquisas acadêmicas, a história bíblica de Sara e Abraão e frases retiradas de blogs sobre infertilidade. Tal material representa, de acordo com a teoria junguiana, manifestações do inconsciente coletivo na forma de símbolo. Foi possível concluir que tal diagnóstico é vivenciado, de forma consciente, a partir de experiências negativas como impossibilidade e punição e aponta uma disfunção na totalidade do indivíduo, em que ego e Self encontram-se desintegrados. A mulher considerada infértil fica identificada com a persona ideal, em que seu principal papel social seria exercer a maternidade. A finalidade da infertilidade pode ser entendida como uma convocação à mulher para entrar em contato com seu mundo interno, integrando conteúdos inconscientes e conscientes, e, portanto, a transformação da personalidade total, trazendo soluções criativas para novas formas de fertilidade e expressão do seu eu genuíno.

Palavras-Chave: infertilidade, psicossomática, símbolo, feminino.

SUMÁRIO

I - Introdução.....	7
II - Capítulo 1: A Fertilidade na Vivência Feminina.....	10
III - Capítulo 2: A Infertilidade na Vivência Feminina.....	13
III - Capítulo 3: Psicologia Analítica: Principais Conceitos e Fundamentos.....	18
Capítulo 3.1 – Anima e Animus.....	23
Capítulo 3.2 – Estágios Arquetípicos do Desenvolvimento da Consciência.....	25
IV - Método.....	27
V - Capítulo 4: Infertilidade na Bíblia.....	29
VI – Capítulo 5: Sara e Abraão.....	34
VI - Capítulo 6: Análise e Interpretação.....	36
VII - Considerações Finais.....	44
VIII - Referências Bibliográficas.....	46
Apêndice I - Frases de Blogs.....	50

INTRODUÇÃO

O interesse em realizar o presente estudo certamente foi construído ao longo de meus anos universitários e a partir de minhas experiências pessoais.

Concomitante a este trabalho, realizei uma pesquisa de Iniciação Científica sobre os aspectos psicológicos envolvidos no tratamento de Reprodução Humana Assistida (RHA) em que tive a oportunidade de coletar dados no Hospital Pérola Byington – Centro de Referência da Saúde da Mulher com pacientes que receberam o diagnóstico de infertilidade.

Foi possível observar, como resultado parcial do estudo, que os pacientes de RHA apresentam muitos sentimentos negativos em relação ao diagnóstico recebido, como incapacidade, frustração, culpa, ansiedade, angústia, entre outros. O único sentimento relatado pelos entrevistados que pode ser definido como positivo é a aceitação, que apareceu sempre como sentimento secundário a uma vivência de sofrimento. Esses dados confirmam o peso vivido por homens e mulheres diagnosticados como inférteis e a valorização cultural da possibilidade de gerar um filho.

Além disso, o relato dos participantes confirmou uma vivência muito solitária, uma vez que, encontram pouco apoio social e a grande maioria afirma buscar suporte em crenças espirituais, que aparecem desligadas de uma comunidade religiosa.

O tema da adoção foi relatado de forma espontânea em algumas das entrevistas realizadas, em sua maioria como segunda opção em caso de insucesso do tratamento de RHA. A possibilidade de adotar um filho também apareceu de forma ambígua e como alternativa para apenas um dos cônjuges. Esses dados confirmam que gerar um filho é primordial para os entrevistados.

Ao realizar tal estudo, fiquei intrigada com o sofrimento apresentado por essas pessoas, mais visível nas mulheres, que relatavam sentirem-se incompletas e aparentemente tinham como principal projeto de vida a concepção de um filho. A partir disso, pude refletir sobre minha própria condição de mulher e as exigências sociais e pessoais que isso implica.

Além disso, em matéria optativa oferecida pelo curso de psicologia, pude me aprofundar no entendimento de doenças consideradas orgânicas a partir de uma visão psicossomática junguiana apresentada pela Prof.^a Dr.^a Denise G. Ramos.

Surgiu então o desejo de entender melhor o tema da infertilidade a partir de uma visão do sintoma como símbolo, levando em conta os aspectos culturais deste fenômeno, tão discutido nos dias atuais.

Em busca de encontrar sentido para as questões mais íntimas que acompanham o ser humano e entender o mundo desde seus primórdios, foram criadas diferentes soluções ao longo da história. A mitologia, a religião, a ciência, a filosofia, a arte e o senso comum são alguns exemplos de diferentes tentativas de buscar respostas para tais questões.

O tema da infertilidade está presente nos mitos, nas histórias bíblicas, nos debates religiosos, em produções artísticas, nas discussões do dia-a-dia das pessoas e atualmente, mais do que nunca, na ciência. Isso mostra a importância atribuída pela sociedade ao assunto e a busca incessante em entender suas implicações.

Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo compreender a infertilidade feminina a partir da abordagem junguiana, por meio de sua expressão simbólica e, com isso, melhor entender esse símbolo e o sentido que apresenta hoje na sociedade.

O fenômeno foi abordado a partir de uma perspectiva psicossomática de ser humano, concebido através de uma visão holística em que é levada em conta a sua totalidade, procurando assim, ultrapassar a visão reducionista de homem e a dicotomia mente-corpo, conforme conceituadas pela ciência tradicional.

Segundo Ramos (2006), a física quântica concebe matéria e energia como dois aspectos diferentes da mesma realidade, o que questiona os modelos de ciência adeptos do pensamento causal e determinista. A autora afirma que o termo “psicossomática” refere-se atualmente à interdependência entre mente e corpo e, portanto,

“Existe uma tendência a considerar todas as doenças como psicossomáticas, na medida em que elas envolvem a inter-relação

contínua entre corpo e mente na sua origem, em seu desenvolvimento e sua cura.” (p.47)

Utilizando a Psicologia Analítica como base desta pesquisa, é possível pensar os sofrimentos psíquicos e orgânicos como originários de um complexo, ou seja, idéias autônomas em relação ao ego, que podem ser contraditórias a ele e constelar um sintoma.

Ramos (2006) realiza ampla pesquisa em que procura compreender a dimensão simbólica da doença tendo como pressuposto a totalidade psique-corpo. Afirma que uma doença manifesta fisiologicamente aponta para uma cisão entre corpo e inconsciente somático, uma vez que há um rompimento entre a vida fantasmática e a vida orgânica. Tal patologia representa uma manifestação simbólica, porém expressa de forma restrita e compulsiva, uma vez que o ego foi impedido, através do mecanismo de repressão, de realizar uma elaboração simbólica abstrata dos estados emocionais. Tais estados encontram então, como forma de evasão, a expressão não-verbal. Assim, o complexo não pode ser elaborado pelo sujeito através de meios psíquicos, o que faz eclodir a patologia orgânica.

Dessa forma, entende-se a doença orgânica como uma expressão simbólica e, portanto, arquetípica, que aponta a necessidade de integração psique-corpo. Esta idéia é também apresentada por Pinheiro (2001) em pesquisa sobre a vivência feminina da infertilidade abordada através da Psicologia Analítica, onde afirma que o sintoma é uma expressão simbólica que representa o desequilíbrio entre a consciência e o inconsciente e, portanto, uma alteração na relação ego-Self.

O presente estudo assume relevância ao trazer à luz, ou seja, à consciência, as questões simbólicas da infertilidade como expressão, além do inconsciente pessoal, também do inconsciente coletivo, permitindo assim a ampliação da consciência coletiva no que se refere ao símbolo em questão. Com isso, fornecemos outras formas de pensar e, conseqüentemente, intervir junto a casais inférteis, diferente daquela proposta pelo saber médico, ao levar-se em conta o sujeito em sua totalidade por meio da expressão simbólica.

CAPÍTULO 1

A FERTILIDADE NA VIVÊNCIA FEMININA

Sempre foi crucial ao papel feminino gerar filhos, e, portanto, a fertilidade, porém, somente a partir do séc. XVIII a mulher passou a ter valor não só como esposa e procriadora, mas também como alguém que exerce seu papel de maternidade e cuidadora dos filhos.

Segundo Tourinho (2006), entre os séculos XII e XV não havia uma concepção de infância que permitisse distinguir as crianças dos adultos. A partir do momento em que não necessitava mais dos cuidados da mãe ou da ama, a criança ingressava na comunidade dos adultos, por volta dos sete anos de idade. Os casamentos eram feitos por meio de acordos financeiros, em que o amor conjugal não tinha importância e a função feminina não ia além de gerar filhos e cuidar do marido. Ter filho era considerado inerente às mulheres, mas a responsabilidade de educar e cuidar das crianças era transferida às amas de leite, para quem elas eram entregues e com quem ficavam até por volta dos cinco anos. Badinter (1985) afirma que todas as classes sociais da sociedade urbana, mesmo as que viviam em pequenas cidades, utilizavam o serviço de amas mercenárias.

No séc. XVII o poder do homem como marido e pai era predominante sobre o amor, em uma sociedade estruturada em torno do princípio autoritário. Neste século, a teologia e a filosofia manifestavam medo da criança, que simbolizava uma força do mal. Rousseau foi um dos primeiros a apresentar uma nova visão de infância, impulsionando o conceito de família moderna, ou seja, fundada no amor materno. (Badinter, 1985)

Segundo Emidio e Hashimoto (2008), somente a partir do séc. XVIII surgiu uma concepção de infância que passou a entender a criança como um ser que precisa de proteção e cuidados específicos. Isso se deu pela intervenção do Estado que tinha necessidade de mão de obra para novas fábricas e, portanto, preocupado com a sobrevivência das crianças, buscava diminuir a mortalidade infantil e aumentar a taxa de natalidade. Emergiu um discurso que exaltava o amor materno e a família. Com essa nova mentalidade, foi estabelecido o ideal de família burguesa, que tem como princípio o amor materno e conjugal. A partir disso, foi possível a formação de vínculos

entre os integrantes das famílias e o surgimento de novos sentimentos em relação ao casamento e aos filhos.

Badinter (1985) afirma que, com a idealização de família fundamentada no amor, o conceito de amor materno incondicional passou a fazer parte dos valores sociais. As mulheres passaram a ter como principal função a maternidade e, sendo mães, foram associadas a pessoas essencialmente boas e instintivamente imaculadas. Cria-se um mito em que a figura materna passa a ser comparada a uma santa e sua sexualidade restrita à procriação.

A partir da década de 1960, com a revolução feminista, a popularização do uso da pílula anticoncepcional e a inserção da mulher no mercado de trabalho, seu papel social passa a sofrer profundas mudanças. As mulheres têm conseguido cada vez mais se inserir socialmente e se aproximar da igualdade diante do sexo masculino. Passa-se a olhar a mulher como um sujeito que pode buscar papéis na sociedade que não sejam apenas os de esposa e mãe. Porém, é importante ressaltar que, apesar dos direitos adquiridos, a luta a favor da igualdade é um longo caminho a ser percorrido.

Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) atribuem o comum adiamento da maternidade à ascensão profissional de muitas mulheres, que procuram atingir uma estabilidade econômica antes de decidirem ter filhos. Porém ressaltam que, mesmo com tais mudanças e apesar da sociedade incentivar o papel profissional da mulher, ainda espera-se que ela cumpra a função de mãe.

A partir de tais cobranças, a mulher contemporânea necessita conciliar ambos os papéis, de profissional e de mãe. Com a pílula contraceptiva passou a ter o poder de escolha sobre ter ou não filhos e pela primeira vez tem a possibilidade de refletir e realizar seus próprios desejos.

Falcke e Wagner (2000), em pesquisa realizada, afirmam que no âmbito social ficam claras as transformações da posição da mulher. Concluem que, no âmbito familiar, a concepção de mulher como cuidadora e responsável pela felicidade e bem-estar da família ainda é presente. A mulher abarca diversas responsabilidades e precisa exercer as funções de cuidado, nutrição, afeto, como também o papel de disciplinadora, além de participar nas despesas domésticas.

Portanto, é possível pensar, a partir de tal histórico, que o papel social da mulher vem se modificando paralelamente às transformações sociais, sendo que ambos estão articulados de forma dialética. Assim, a persona feminina exigida pela sociedade, que historicamente foi representada pela maternidade, está dando lugar a novas formas de atuação no meio social por meio do trabalho.

CAPÍTULO 2

A INFERTILIDADE NA VIVÊNCIA FEMININA

Concomitante às mudanças sociais relacionadas ao papel feminino, a ciência, no decorrer de sua evolução, tem alcançado um lugar de reconhecimento social no que se refere às técnicas de RHA.

Segundo Moura et al (2009), a primeira inseminação artificial foi realizada pelos árabes em 1332, em eqüinos. Porém a primeira inseminação registrada cientificamente foi realizada por um italiano em 1779, que teve como resultado três filhotes caninos. No final do séc. XVIII, um médico inglês obteve os primeiros resultados em seres humanos com inseminação de sêmen no útero, uma técnica muito utilizada no século passado, porém sem grande sucesso.

A partir de então diversos procedimentos foram realizados em laboratório com animais, e o primeiro bebê de proveta, Louise Brown, nasceu em 1978 na Inglaterra. Desde então, mais de 4 milhões de bebês nasceram por meio de tratamentos RHA (Corleta, 2010). No Brasil, o primeiro bebê foi Ana Paula Caldeira, nascida em 1984.

Robert G. Edward, fisiologista responsável pelo nascimento de Brown, foi o vencedor do prêmio Nobel de medicina de 2010. Pode-se atribuir ao motivo do atraso considerável para o prêmio, o fato de tratar-se de um tema polêmico e que foi muito criticado ao longo dos anos. Segundo dados obtidos através do site do jornal O Estado de São Paulo, nos anos 1950 as pesquisas de Edward quase foram interrompidas devido ao corte de verba pública por parte das autoridades científicas britânicas. Foi alegada como razão para suspensão do financiamento, a controvérsia ética em torno da origem da vida. O nascimento de Brown foi possível a partir de recursos da iniciativa privada. Atualmente fica claro, a partir desta premiação, o reconhecimento do meio científico em relação às técnicas de RHA, apesar deste tema ainda suscitar muita polêmica por parte das entidades religiosas.

Segundo a Classificação Internacional de Doenças - CID 10 da Organização Mundial de Saúde (1998), a infertilidade é uma doença definida como a incapacidade do casal de conceber uma criança após dois anos de relações sexuais regulares sem uso de contraceptivo.

Conceituar a infertilidade como uma doença implica que a mesma possa ser tratada através de técnicas de RHA, sendo que suas indicações são diretamente ligadas às causas da infertilidade (Freitas et al, 2008). As técnicas existentes atualmente são: relação programada; inseminação artificial intra-uterina (IIU) e fertilização extra-corpórea, como a fertilização in-vitro (FIV) e a fertilização in-vitro por meio de injeção intracitoplasmáticas de espermatozóides (ICSI).

De acordo com o Manual de Planejamento Familiar da Organização Mundial de Saúde (2007), a infertilidade afeta um em cada dez casais, sendo que o casal pode ser considerado infértil independente de a mulher ter engravidado no passado. A infertilidade primária se refere a um casal que nunca concebeu um filho, a secundária é a incapacidade de conceber após uma gravidez anterior.

Ainda segundo este Manual, entre os casais que não apresentam infertilidade, 85% das mulheres engravidarão em um ano, sendo que, em média, a gravidez ocorre após 3 a 6 meses de relação sexual desprotegida. Contudo, há uma grande variação desta média.

No Brasil, o Ministério da Saúde estima que mais de 278 mil casais tenham dificuldade para gerar um filho durante a idade fértil (s/d), porém verifica-se a necessidade de mais pesquisas acerca da questão. Segundo Freitas et al (2008), há 117 centros de RHA no país, sendo que seis deles oferecem tratamento gratuito e três cobram apenas a medicação do casal. Há no Rio de Janeiro um serviço que disponibiliza o diagnóstico da causa da infertilidade. Dos centros de RHA públicos, 80% se concentram no estado de São Paulo.

Um dos motivos significativos da alta taxa de infertilidade se dá pelo fato de que, nas sociedades contemporâneas, cada vez mais se tem adiado a gravidez. Isso acontece devido ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, o surgimento dos métodos contraceptivos, novas possibilidades de rearranjos familiares e aumento na expectativa de vida.

Segundo a medicina, a idade ideal para a mulher gerar um filho é entre 20 e 35 anos, uma vez que, após essa idade a qualidade dos óvulos tende a decair e, conseqüentemente, a capacidade reprodutiva. Portanto, há uma relação entre a postergação da gravidez e a infertilidade.

Segundo Tso e Oscar (2010), os fatores causais biológicos da infertilidade são divididos em: fator masculino (35%), tuboperitoneal e endometriose (35%), ovariano (15%), infertilidade sem causa aparente (10%) e outros (5%).

Visto que 10% dos casos não apresentam um fator biológico ao qual possa ser atribuída a infertilidade e adotando uma visão integrada e psicossomática para conceber o ser humano, fica clara a importância de pesquisas psicológicas na área para um melhor conhecimento e tratamento dessa população.

Estudos atuais (Farinati et al, 2006; Gorayeb et al, 2009) apontam a importância da atuação da psicologia em um contexto interdisciplinar que encare o ser humano em sua totalidade. Farinati et al (2006) afirmam que:

“(...) uma abordagem em Psicologia da Saúde prioriza o sujeito em sua integralidade e propõe uma visão segundo a qual os processos físicos estão intimamente relacionados com os psicológicos e sociais. A infertilidade possui causas multideterminadas, portanto não se admite uma intervenção que exclua a dimensão emocional e nem o contexto ambiental no qual está inserida” (p.438).

Atualmente a psicologia é uma das ciências da saúde que mais têm feito pesquisas sobre infertilidade e RHA (Tamanini, 2009). Em pesquisa realizada no site Biblioteca Virtual em Saúde, por meio dos descritores “psicologia x infertilidade” e “psicologia x aspectos psicológicos” foram encontradas no total 160 pesquisas, sendo que a primeira data de 1966. Dessas, 96 referem-se ao tema, ou seja, à relação entre psicologia e infertilidade. Das pesquisas referentes ao tema, 16 são consideradas recentes, ou seja, datam do ano de 2005 até o ano atual. Ao realizar pesquisa no mesmo portal com o descritor “infertilidade”, é possível observar que a primeira pesquisa médica da qual se tem registro neste site data de 1959.

Dos estudos pesquisados, muitos apontam que pessoas com o diagnóstico de infertilidade e em tratamento de RHA afirmam sentir ansiedade, frustração, sentimento de inferioridade, além de prejuízo nas relações sociais (Gorayeb et al, 2009; Farinati et al, 2006; Moreira et al, 2005). Porém Moreira et al (2005), em seu estudo sobre aspectos psicológicos de mulheres inférteis, ressaltam que apesar de tais indivíduos serem mais vulneráveis ao estresse, são capazes de se adaptarem sem um sério comprometimento psicológico.

Em revisão da literatura sobre problemas psicossociais envolvidos na infertilidade, Moreira et al (2005) apontam três hipóteses controversas acerca do assunto: os problemas psicossociais originam a infertilidade, a infertilidade origina estresse psicossocial, e ainda, que existe uma relação causa-efeito entre infertilidade e estresse psicossocial. O estudo conclui que não há um consenso entre os autores devido a uma inconsistência metodológica. Tais hipóteses não contemplam uma abordagem multifatorial à questão, o que sugere a impossibilidade de compreender a infertilidade por meio de uma relação causal simples, e isso, além das questões metodológicas, gera tal falta de consenso.

Ao realizar uma busca mais aprofundada sobre o assunto, foram encontrados estudos que se utilizam de teorias psicológicas para entender a infertilidade e seus significados.

Angelo et al (2009), fazem uma análise psicanalítica sobre a maternidade em mulheres em tratamento de RHA e concluem que ser mãe é um lugar psíquico e, portanto, a infertilidade pode ser atribuída à dificuldade de ser mãe. Portanto, afirmam que levar em consideração os aspectos inconscientes diminui o risco do nascimento em casos de RHA que compreendem apenas as questões biológicas envolvidas na infertilidade e não a dimensão psíquica. Afirmam a importância de refletir sobre quais são as demandas das mulheres que buscam o tratamento e o que este, por sua vez, produz na subjetividade/corporeidade das mesmas.

Kato (2004) compara um grupo de mulheres inférteis com um grupo controle para investigar se há diferença no que se refere à introjeção do princípio feminino na personalidade, conforme descrito pela psicologia junguiana. Por fim, conclui que não há uma diferença significativa entre os dois grupos.

Pinheiro (2001) realiza uma análise bibliográfica sobre a relação da infertilidade com aspectos psicológicos utilizando-se de uma visão psicossomática a partir da Psicologia Analítica. Afirmar que a vivência da infertilidade causa desordens emocionais e sociais, mas, além disso, pode ser entendida como a expressão de um desequilíbrio na totalidade do indivíduo.

Vargas (2008), por sua vez, faz uma análise antropológica sobre os usos e valores associados à RHA e busca pensar as discussões que têm sido feitas em relação ao assunto nas páginas da internet, explorando como esta questão se dá na

atualidade através de sites sobre infertilidade conjugal. Foram realizadas pesquisas em *websites* denominados “Portais de Saúde”, Listas de Discussões, como por exemplo, *chats* e matérias jornalísticas que englobam o tema. O autor conclui haver preponderância da concepção médica sobre a infertilidade, ou seja, a infertilidade é considerada uma ausência involuntária de filhos e, portanto, um desvio da capacidade natural dos casais de procriar.

Essas pesquisas apontam outro entendimento acerca da questão e um caminho possível de ser seguido. Porém, o tema precisa ser aprofundado no que se refere à como a sociedade contemporânea conceitua e lida com a infertilidade e quais os aspectos inconscientes envolvidos.

CAPÍTULO 3

PSICOLOGIA ANALÍTICA: PRINCIPAIS CONCEITOS E FUNDAMENTOS

C. G. Jung dá início à teoria da Psicologia Analítica a partir de sua formação médica psiquiátrica e por meio da psicanálise. Como médico, foi grande estudioso do funcionamento e dos processos biológicos humanos. A partir da psicanálise encontrou subsídios para investigar as questões psicológicas envolvidas, inicialmente nas psicopatologias.

Compreendendo o ser humano em sua totalidade, aonde mente e corpo estão interligados, em *Psicologia do Inconsciente*, Jung (2007) afirma que

“O padecimento do doente vem da alma, de suas funções mais complexas e profundas, que mal ousamos incluir no campo da medicina. Nesses casos, o médico precisa ser psicólogo, isto é, um conhecedor da alma humana (p. 1)”.

Jung amplia o conceito de inconsciente formulado por Freud, rompendo com a teoria psicanalítica, uma vez que, na sua concepção existem duas instâncias psíquicas, uma coletiva e outra individual, sendo que ambas contém aspectos conscientes e inconscientes. O funcionamento da psique se dá a partir da inter-relação destes componentes, que não devem ser compreendidos como partes isoladas, mas sempre em relação e em movimento (Jung, 2007).

Segundo Stein (2006), a consciência pode ser entendida como tudo aquilo de que temos conhecimento. O ego é o centro da consciência, a palavra “ego” tem origem latina e significa “eu”. O autor explica que *“o termo refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação”* (p.23).

Dessa forma, a relação com o ego é imprescindível para que sentimentos, pensamentos, percepções tornem-se conscientes e, assim, ele faz a mediação entre inconsciente e consciente.

O inconsciente compreende os conteúdos que não foram submetidos à elaboração consciente. Os conteúdos do inconsciente pessoal referem-se a aquisições

das experiências individuais ocultas à consciência devido ao mecanismo de repressão efetuado pelo ego ou pelo fato de não terem amadurecido o suficiente para tornarem-se conscientes (Jung, 2007).

O inconsciente coletivo é a camada mais profunda da psique. Abrange conteúdos herdados culturalmente, é totalmente universal e, portanto, diz respeito a toda humanidade. Tais conteúdos foram denominados de arquétipos, são imagens primordiais e estruturais, comuns a todos os seres humanos (Rosa, 2008).

Segundo Stein (2006), tais descobertas se deram uma vez que Jung notou imagens e mitos semelhantes entre indivíduos e grupos em períodos e locais diferentes, sem qualquer relação entre os mesmos. Dessa forma, assim como o inconsciente se manifesta individualmente através de sonhos, fantasias, visões e sintomas, o mesmo ocorre coletivamente, através da mitologia, contos de fada, produções artísticas e outras produções coletivas.

O inconsciente pessoal se constitui, em sua maior parte, de complexos e o inconsciente coletivo, por sua vez, de arquétipos. Os complexos são núcleos de energia acumulados em torno de imagens e idéias inconscientes que podem ser ativados por determinados estímulos, funcionando assim de forma autônoma e influenciando as intenções do ego de forma positiva ou negativa. Whitmont (1969) explica que o núcleo do complexo consiste em um padrão humano universal, o arquétipo. A superfície do complexo envolve conteúdos pessoais do sujeito, adquiridos por meio de vivências e experiências individuais.

Jung (2008) afirma que

“O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo o tempo e em todo o lugar” (p. 53).

A persona é o arquétipo que realiza a intermediação entre o ego e o mundo. Este termo refere-se à máscara, aos papéis sociais desempenhados por cada indivíduo em seu meio social. Caracteriza-se como a adaptação do indivíduo em relação à realidade exterior e à coletividade. Durante o desenvolvimento psíquico, é necessário que haja uma diferenciação entre o ego e a persona, ou seja, o indivíduo

deve se tornar consciente de si mesmo e não confundir-se com seu papel social (Whitmont, 1969).

Outro arquétipo de grande relevância na teoria junguiana é a sombra. Ainda segundo o autor, este conceito “*refere-se à parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal*” (p. 144). Ela representa o inconsciente pessoal, ou seja, a superfície dos complexos. Assim, os conteúdos psíquicos que contrariam a coletividade e a persona são reprimidos e passam a fazer parte da sombra.

Devido ao fato de a coletividade e a individualidade serem um par de opostos há uma relação de oposição e de compensação entre persona e sombra. Assim, se a persona de um indivíduo é muito passiva e submissa, provavelmente sua sombra conterà grande carga de agressividade.

Segundo Neumann (1974), dentre os objetivos mais importantes da Psicologia Analítica, encontra-se a análise estrutural de um determinado arquétipo, além da apresentação da sua constituição interior, de sua dinâmica, do conjunto de seus símbolos. Portanto, busca-se compreender como o arquétipo se manifesta através das imagens e dos mitos da humanidade.

Nesse sentido, como o inconsciente se expressa por meio de manifestações simbólicas, o fenômeno psíquico a ser investigado por essa abordagem é o símbolo.

Ramos (2006) explica a origem da palavra que deriva do grego “synballein” (syn, junto + ballein, atirar) que significa união dos opostos. Rosa (2008) afirma que um objeto ou idéia pode ser considerado símbolo quando composto por conteúdos conscientes e inconscientes, provocando grande carga emocional. São expressões que contêm diversos significados, no nível pessoal ou coletivo. O símbolo é então a expressão dos conteúdos inconscientes e a única forma de acessá-los.

Segundo Penna (2005),

“O símbolo, portanto, é o fenômeno psíquico que permite acesso ao inconsciente, tornando possível o conhecimento. O símbolo, como manifestação do arquétipo, situa-se no limiar da possibilidade de conhecimento, pois o arquétipo, em si, está fora dos limites do conhecimento” (p.84).

Ramos (2006) afirma que a Psicologia Analítica propõe uma abordagem finalista e o método de amplificação, buscando compreender o fenômeno inconsciente. Assim, por meio da abordagem finalista, entende-se que a finalidade básica de qualquer manifestação do inconsciente é compensar uma atitude unilateral da consciência para que assim o material reprimido possa ser integrado pelo ego. Entendemos, por exemplo, que a doença orgânica é uma expressão simbólica que tem como finalidade compensar uma atitude unilateral da consciência, é uma reação do corpo com o objetivo de levar o indivíduo a integrar o conteúdo reprimido.

A abordagem simbólica diz respeito à busca de interpretar símbolos espontâneos do inconsciente através de analogias e parábolas, para além daquilo que pode se tornar imediatamente acessível à nossa observação, obedecendo às leis estruturais da emoção e do conhecimento intuitivo (Whitmon, 1969).

Dessa forma, consciente e inconsciente funcionam através de uma relação compensatória, concebida por meio de um método dialético. A tensão gerada por essa relação tem o objetivo de obter respostas compensatórias e auto-reguladoras, formando assim um equilíbrio, que logo se transforma em outra tensão e assim por diante. Esse movimento em direção ao equilíbrio é chamado de mecanismo de compensação, ou seja, o momento em que há uma tensão e o ego é mobilizado por ela. Ao equilibrar-se o ego é ampliado no sentido da auto-regulação.

Este movimento dinâmico gera transformação da consciência através da ampliação, no sentido de complexidade. Essa ampliação caminha para a individuação, que se refere a um equilíbrio total entre consciente-inconsciente e mundo, ou seja, a completude. Porém, é importante frisar que esse estado nunca é alcançado por completo. Segundo Rosa (2008), *“a individuação leva à experiência do Self como centro regulador da psique, transcendendo ao ego”* (p.124).

Jung afirma que o Self é um conceito hipotético incognoscível e representa um arquétipo que é tanto o centro organizador da personalidade, como sua totalidade. Dessa forma, seu simbolismo é análogo à imagem divina. Enquanto o ego é o sujeito da consciência e funciona como um complexo, o Self é o sujeito da totalidade, incluindo consciente e inconsciente. (Whitmont, 1969)

O ego se desenvolve a partir da integração entre o Self, como tendência pessoal de personalidade, e a realidade externa, ou seja, entre a individualidade potencial interior e a coletividade externa. (Whitmont, 1969)

CAPÍTULO 3.1

ANIMA E ANIMUS

Com a finalidade de esclarecer os conceitos de feminilidade e masculinidade, de extrema importância na teoria junguiana, e também para a análise realizada no presente estudo, será utilizada a explicação dada por Whitmont em seu livro *A Busca do Símbolo* (1969).

O autor afirma que os princípios feminino e masculino são vivenciados pelo ser humano, de forma coletiva, como um conflito dos opostos, tanto individualmente, como a partir das relações com o outro.

O yin yang, na filosofia chinesa representa o princípio da dualidade e complementaridade e, dentre ele, encontra-se como imagem simbólica a feminilidade e a masculinidade. O yin representa passividade, concretude, contenção. É indiferenciado e coletivo e, portanto, apresenta características predominantemente femininas. O yang é a representação do arquétipo com características predominantemente masculinas, de criatividade, força, impulsividade, agressividade. Simboliza a imposição de regras e limites, a discriminação.

Estes pólos complementares são essenciais para o entendimento dos conceitos anima e animus, arquétipos contrassexuais que existem como oposição paradoxal de forma inconsciente e representam os padrões humanos instintivos.

Dessa forma, o yin é representado como anima, é o feminino inconsciente presente no homem e o yang é representado como animus, ou seja, o masculino inconsciente na mulher.

Na direção da individuação, é importante que o ego procure integrar à consciência aspectos do componente contrassexual inconsciente, ou seja, a anima para o homem e o animus para a mulher e, dessa forma, busque conhecê-los.

Neumann (1974) afirma que a existência de instâncias interiores contrassexuais possibilita uma vivência independente do sexo oposto, ou seja, o homem tem uma vivência interior do feminino e a mulher tem uma vivência interior do masculino.

Porém, Whitmont (1969) afirma que a alma passou a representar um problema para o coletivo e para o individual, uma vez que o medo em relação a essa instância levou historicamente ao cerceamento das mulheres. Sobre isso ele afirma:

“Hoje, esse medo se exprime na masculinização do mundo e na depreciação do feminino que é exclusivamente definido em termos de maternidade e serviços domésticos e, portanto, no declínio da verdadeira auto-estima da mulher como mulher (...)” (p. 179).

Dessa forma, o autor aponta um insucesso na tentativa de integração do Yin em nossa cultura, tendo-se, portanto, uma sociedade extremamente racional, rígida e dissociada do sentimento.

Atualmente, após cerca de 40 anos que Whitmont escreveu sua obra, muitas transformações sociais ocorreram e continuam a acontecer na tentativa de integrar as características femininas à coletividade e é possível verificar alguns avanços nesse sentido.

CAPÍTULO 3.2

ESTÁGIOS ARQUETÍPICOS DO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Segundo Neumann (1968), os arquétipos apresentam uma sucessão de estágios que determinam o desenvolvimento da consciência. No decorrer do desenvolvimento individual, a consciência deve passar pelos mesmos estágios arquetípicos que determinam a evolução da consciência na vida da humanidade, ou seja, da consciência coletiva.

Rosa (2008) afirma que a imagem da serpente circular que morde a própria cauda, Uroboros, foi introduzida na teoria analítica por Jung como representação do arquétipo primordial. Dessa forma, simboliza o estado psíquico originário de indiferenciação, simbolizando os opostos que dão início à dinâmica psíquica e ao desenvolvimento da personalidade humana.

O ego em sua origem é indiferenciado, uma vez que se encontra imerso na totalidade do Self, não havendo discriminação entre eu e não-eu. Esse seria o estado primário de prazer e completude, que perdura durante o período da gestação até a primeira infância e é rompido através do início do desenvolvimento da consciência.

Whitmot (1991) explica que o estágio seguinte, tanto no que se refere ao coletivo como ao individual representa a fase matriarcal. O arquétipo da Grande Mãe rege este ciclo, em que predomina o amor, a simbiose entre consciente-inconsciente e mundo interno-mundo externo e a pouca percepção entre os opostos. No nível coletivo esta era representa o tempo em que o mundo era governado pelo poder da Deusa. Sobre isso o autor afirma:

“Ela é ao mesmo tempo mãe e filha, donzela, virgem, meretriz e bruxa. É a senhora das estrelas e dos céus, a beleza da natureza, o útero gerador, o poder nutriente da terra, a fertilidade, a provedora de todas as necessidades, e também o poder da morte e o horror da decadência e da aniquilação. Dela tudo procede e a ela tudo retorna”
(p.60).

Individualmente, este estágio corresponde à criação do mundo para a psique individual, onde a consciência e o ego começam e se desenvolver e o eu ainda é totalmente dependente da figura materna, buscando a nutrição e o sustento.

Na idade em que a criança começa a ter seu ego fortalecido e a integrar as noções de certo e errado, a disciplina e a racionalidade, ela está ingressando na fase patriarcal. Neste momento, o arquétipo paterno expressa sua potência evocando tais características e a separação das instâncias consciente e inconsciente e entre mundo interno e mundo externo. No mundo patriarcal, o feminino é depreciado e rejeitado em detrimento da diferenciação, hierarquização dos opostos, racionalização e disciplina. (Rosa, 2008)

A fase seguinte refere-se ao ciclo da alteridade, denominado por Whitmont (1991) de “O retorno da deusa”, em que o arquétipo regente é anima-animus. Essa era é marcada pela integração dos opostos, consciente-inconsciente, eu-outro. A dialética é o meio principal de interação em que o outro é aceito como diferente.

No nível individual tal fase pode ser representada pela adolescência, quando há uma maior consciência da persona e da sombra e um nível de consciência mais amplo como um todo. A atitude principal é perceber e aceitar tanto a natureza do eu quanto do outro. No nível social essa fase pode ser representada pela busca da democracia.

Ainda segundo Whitmont (1998) o último estágio arquetípico é denominado de ciclo cósmico. O arquétipo regente desta fase é o Self, que busca a vivência da unidade e da totalidade, do sentido e da sabedoria. Individualmente este arquétipo é vivido na segunda metade da vida onde a questão da finitude está muito presente. Envolve, portanto, a aceitação da morte como parte da vida e a compreensão de paradoxos.

É importante ressaltar que apesar das fases arquetípicas representarem momentos específicos do desenvolvimento individual, este não deve ser entendido com uma linha estável, mas como uma espiral em que o indivíduo a todo o momento pode reviver a experiência de um arquétipo já vivido anteriormente.

MÉTODO

Para atingir o objetivo proposto pela presente pesquisa, foram utilizadas, como instrumentos de investigação, produções culturais que abordam o tema da infertilidade: pesquisas acadêmicas, a história bíblica de Sara e Abraão e blogs publicados na internet de acesso livre e irrestrito.

A pesquisa bibliográfica, apresentada no capítulo 2 “A Infertilidade na Vivência Feminina” foi realizada, em um primeiro momento, no site Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando os descritores “psicologia x infertilidade” e “psicologia x aspectos psicológicos”, a partir dos quais foram selecionados alguns estudos referentes ao assunto. Para um maior aprofundamento do tema, foi realizada uma investigação mais ampla em bibliotecas e através de orientações de profissionais da área.

Essa revisão bibliográfica teve o intuito de explorar por quais caminhos a psicologia tem abordado a infertilidade, ou seja, quais os princípios teóricos utilizados por tais estudos e quais as conclusões conquistadas através dos mesmos.

Os blogs pesquisados na internet foram encontrados por meio de pesquisa realizada no Google utilizando o descritor “blog x infertilidade”. Foram selecionados blogs de mulheres diagnosticadas como inférteis e que tem como objetivo a publicação de textos referentes a assuntos pessoais (trabalho, família, infertilidade) e a troca de informações sobre a impossibilidade de ter filhos. A partir desses blogs encontrados no Google, outros foram localizados por meio do link presente na página dos mesmos com o título “blogs que acompanho”. Foram, então, destacadas e utilizadas frases passíveis de serem intercaladas e relacionadas com o tema abordado na análise da história bíblica. Tais frases foram categorizadas em temas (Apêndice 1).

A base teórica utilizada nesse estudo foi a Psicologia Analítica, que propõe uma abordagem finalista e o método de amplificação, com o objetivo de compreender o fenômeno inconsciente. Buscou-se, portanto, o acesso ao inconsciente através de sua realidade manifesta, ou seja, aquilo que surge através da consciência. O símbolo, objeto de estudo em questão, é o fenômeno psíquico através do qual os conteúdos inconscientes são traduzidos para a consciência e compreende tanto conteúdos pessoais quanto coletivos. Especificamente, o inconsciente coletivo se manifesta através de produções coletivas e, portanto, o material utilizado neste estudo pode ser considerado um meio de expressão simbólica dessa instância psíquica.

A partir disso, o capítulo 6 “Análise e a Interpretação” foi realizado considerando tais documentos como manifestações arquetípicas e que, portanto, nos permitem acesso ao sentido da infertilidade. Pretendeu-se então realizar uma análise qualitativa a partir de uma perspectiva simbólica arquetípica, uma vez que, o método qualitativo propõe uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenômenos buscando seus significados e finalidades (Penna, 2004).

Neste capítulo foi feito um paralelo entre o mito bíblico de Sara e Abraão e dados atuais sobre o assunto em questão, também ilustrado com frases retiradas dos blogs referentes ao tema. Isso permitiu acompanhar os símbolos em foco de uma perspectiva contemporânea.

Por fim, de acordo com a Psicologia Analítica, não é possível realizar uma pesquisa em que sujeito e objeto encontram-se separados, ou seja, em que o pesquisador encontra-se imparcial em relação àquilo que investiga. Portanto, esse estudo adotou uma abordagem dialética e intersubjetiva (Penna, 2005).

CAPÍTULO 4

INFERTILIDADE NA BÍBLIA

Para abordar o tema da infertilidade na bíblia, mais especificamente na história de Sara e Abraão, verificamos ser importante explorar como o feminino é apresentado nas escrituras. Para tanto, o mito de criação de Adão e Eva torna-se relevante.

Segundo as escrituras (Gn 1:1-3), Deus criou o universo em sete dias, fez o céu e a terra, o mar, vegetais e animais e, por fim, criou o homem à sua semelhança. Criou o homem e a mulher. Após dar a vida ao homem, o colocou no jardim do Éden para que o cultivasse e guardasse, e ali fez crescer o solo e todas as espécies de árvores, dentre elas a árvore da vida, do bem e do mal. Deus disse ao homem que poderia comer os frutos de todas as árvores do jardim, menos da árvore do conhecimento do bem e do mal, afirmando que se o fizesse teria que morrer.

Considerando que o homem não deveria ficar só, resolveu fazer um auxiliar que lhe correspondesse e, enquanto ele dormia, tomou uma de suas costelas e dela modelou a mulher. Ambos andavam nus e não se envergonhavam.

A serpente, o mais astuto de todos os animais, disse à mulher que eles não morreriam se começassem do fruto proibido, mas seus olhos se abririam e passariam a ser como os deuses, versados no bem e no mal. A mulher viu que a árvore era apetitosa e desejável para adquirir discernimento e comeu de sua fruta e a deu para seu marido. Nesse momento perceberam que estavam nus e se cobriram. Como punição à mulher, Deus multiplicou as dores da gravidez e a fez submissa ao homem. O homem foi punido com o trabalho, pois a partir de então só teria alimento em decorrência do próprio suor. O homem chamou a mulher de Eva por ser mãe de todos os seres vivos. Deus expulsou ambos do paraíso para que não tivessem a vida para sempre e impediu-os de acessar novamente a árvore da vida.

A partir dessa história, é possível refletir que o Deus criador aparece na figura masculina, substituindo a deusa procriadora que controlava os ciclos de vida e morte. Rosa (2008) afirma que Ele representa

“o pai, a lei, o guerreiro vitorioso, senhor das batalhas. É capaz de criar o universo do nada, prescindindo de qualquer matéria prévia, o que o torna único e onipotente” (p.26).

A autora afirma que essa história simboliza a substituição da deusa-mãe de todo ser vivo por um Deus masculino, implicando na destituição da deusa e na rejeição do feminino como entidade sagrada. Dessa forma, a figura divina confirma a era patriarcal, onde o princípio masculino predomina sobre o feminino.

Na tentativa de relatar o mito da criação na sua forma mais fiel ao texto bíblico encontramos um desafio, uma vez que, no primeiro capítulo do Gênesis é possível interpretar que homem e mulher foram criados simultaneamente: *“Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”* (Gn 1:1).

Porém no segundo capítulo fica claro que Eva foi criada depois de Adão, a partir de sua costela e com o intuito de fazer-lhe companhia. Yalon (2002) afirma que a versão em que Eva é criada a partir de Adão foi essencial na Idade Média para a mulher ser considerada inferior ao homem e sua dependente. Lembra que as palavras referentes à mulher *icha* – de *ich* (homem em hebraico) e *woman* – de *man* (homem em inglês) sugerem essa posição. Dessa forma, o mito da criação procura explicar, a partir do desejo de Deus, um fenômeno cultural secular arraigado em nossa sociedade.

Sobre a posição de inferioridade da mulher, a autora afirma que nos tempos bíblicos as esposas eram, por lei e por costume, obrigadas a obedecer aos seus maridos. Elas eram tidas como propriedade de seus esposos e viviam a pressão da necessidade de ter um filho e, somente a partir disso, seriam honradas em suas famílias. Porém, se ele desejasse o divórcio, conseguia facilmente após redigir um documento, mesmo sem o consentimento da mulher. Dessa forma, a lei hebraica permitia que o homem se separasse de sua esposa e os casos vividos como vergonhosos pelos homens eram os de adultério, arrogância, desobediência e esterilidade.

Além disso, a tradição dizia que se a mulher perdesse o marido e se tornasse viúva, o irmão dele deveria casar-se com ela para lhe dar a semente da fertilidade. Se o mesmo se recusasse a cumprir suas obrigações sexuais ele poderia ser humilhado pela mulher diante da sociedade. Essa era uma incomum ocasião em que a mulher

poderia, oficialmente, humilhar um homem e, a partir disso, fica clara a dimensão da preocupação que os hebreus apresentavam em relação à procriação (Yalon, 2002).

Adão e Eva foram denominados, a princípio pelos hebreus e depois pelos cristãos e muçulmanos de progenitores da humanidade. Eva é designada, portanto, como a mãe ancestral da raça humana e como a primeira esposa que desobedeceu a Deus. (Yalon, 2002).

Rosa (2008) afirma que Eva “*é culpada pela existência humana na sua condição de dor, trabalho, alienação e morte*” (p.26). Portanto, a partir de sua transgressão, é possível refletir sobre o significado de haverem sido atribuídas à primeira mulher as desgraças do homem e sobre as implicações psicológicas e sociais trazidas por esse mito.

O cristianismo, entretanto, apresenta uma nova figura feminina mítica, representada pela Virgem Maria, mãe de Cristo. A partir de então a mulher é reinserida na maternidade como figura imaculada.

Rosa (2008) faz uma importante discussão sobre o assunto, em que conclui que, apesar da possibilidade dada pela Igreja das mulheres espelharem-se na figura de Maria, elas se identificam principalmente com Eva. Isso se deve ao fato de suas vivências como mulheres reais aproximarem-se mais de Eva pela sua característica de imperfeição e tendência ao pecado. Maria como virgem após a maternidade se afasta das experiências reais e possíveis.

Dessa forma, a maternidade de Maria instaura a possibilidade do feminino se redimir do pecado de Eva, com a condição de que o comportamento das mulheres siga os parâmetros da perfeição. Porém, pelo fato do ideal de maternidade de Maria não poder ser reproduzido por mulheres reais, elas são conduzidas à figura de Eva, tendo que se submeter às obrigações domésticas, à gravidez e aos cuidados dos filhos. Sobre isso a autora afirma que

“(...) as figuras de Eva e Maria convencem a mulher de que não existe escolha pois, independente do seu desejo, a maternidade torna-se um destino inquestionável” (Rosa, 2008, p . 28).

A fertilidade então é considerada uma bênção, mas, acima de tudo, uma obrigação, uma vez que é explicitada no mandamento “Crescei e multiplicai-vos” (Gn 1:28; 9:7). Segundo, as escrituras esse é um dos pilares da base do bem-estar sobre a qual está firmada a progressão estável da vida. Porém, essa idealização é ameaçada por fenômenos que se referem ao caos como morte, doença, guerra e esterilidade. Dessa forma, a esterilidade se opõe aos princípios universais de bem-estar e progresso e nela consiste a contradição fundamental da experiência humana: a tensão entre vida e morte (Chwartz, 2004).

Em busca de encontrar sentido na origem da palavra a autora afirma que *steira* – em grego ou *sterile* – em latim são reduzidos como campo semântico ao sentido específico de infértil, improdutivo, improfícuo. Já o radical hebraico ‘*qr* abrange amplo conjunto de sentidos.

“O significado mais antigo de ‘qr é raiz; ‘qr significa, na esfera agrícola, desenraizar; arrancar pela raiz. Na esfera humana, tem o sentido de infecundo, sem filhos. Na esfera animal, significa aleijar um touro ou cavalo, cortando o tendão na parte posterior do joelho; em sentido figurativo: diminuir sua potência sexual e sua força vital, equivalendo a uma castração. Na esfera genealógica, ‘qr significa descendentes, e, na esfera das idéias, ‘qr retorna a seu sentido original, de raiz, e significa núcleo, fundamento. É com essa palavra – ‘aqarah – que a Bíblia Hebraica designa três das quatro matriarcas de Israel: Sara, Rebeca e Raquel, um termo universalmente traduzido como ‘estéril’.” (Chwartz, 2004, p.13-14)

A autora confirma, portanto, que o tema da esterilidade é recorrente na Bíblia e que o termo ‘*aqarah* não deve ser restringido ao sentido de estéril, mas deve-se levar em conta o conjunto de sentidos que se complementam e que produzem o aspecto característico e original da idéia bíblica de esterilidade. Dessa forma, não pode ser afirmado que existe um conceito bíblico sobre esterilidade, mas diversas formas de elaboração desse tema que refletem a visão de mundo dos antigos povos israelitas, com diferentes ideologias e em diferentes períodos. Assim, nesse mesmo estudo, é realizado um esquema sobre as diferentes expressões da esterilidade no antigo testamento (Chwartz, 2004 p.20-21):

1. *esterilidade primordial: tohu-wa-vohu (Gn 1:2) e terra árida (Gn 2:5);*

2. *esterilidade gratuita: Sara, Rebeca, Raquel, Ana, mulher de Manué e a sunamita;*
3. *esterilidade (ausência de filhos) como instrumento político-teológico: Micol (2 Sm 6:23);*
4. *esterilidade como castigo por pecado (Lv 20: 20-1; Jó 18:19; Os 9:10-18; Pr 30:15-16; Is 14:22);*
5. *esterilidade como castigo coletivo: a Casa de Abimelec (Gn 20:17-18);*
6. *esterilidade da terra como maldição: Lv 26:20;*
7. *ausência de esterilidade dos ventres como bênção: Ex 23:26; Dt 7:14;*
8. *esterilidade como tempo de desenraizar: Ecl 3:2.*

Tendo em vista que, no presente estudo nos focamos na idéia da infertilidade feminina, como já explicitado anteriormente utilizamos como material de análise bíblica a história de Abraão e Sara, uma das matriarcais ditas como estéreis, selecionada para um maior aprofundamento do tema. Para tanto, procuramos empregar as idéias de Chwartz e buscar os diversos sentidos acerca da questão.

CAPÍTULO 5

SARA E ABRAÃO

Na Bíblia de Jerusalém (Gn 2:12-25) tem-se como primeiro registro de infertilidade a história de Sarai e Abrão, marido e mulher e irmãos por parte de pai.

No início desse capítulo Deus fala para Abrão deixar seu país, pois assim seria abençoado. Abrão parte com sua mulher Sarai e seu sobrinho Ló de Harã para Canaã. A partir de então têm início suas viagens por diferentes países.

Em uma viagem ao Egito, Abrão pede a Sarai que diga a todos que é sua irmã, pois como ela é muito bela, temia que o matassem e deixassem-na viva. Porém, acreditando que ela é apenas sua irmã, o tratariam bem. Com isso, o Faraó tomou Sarai ao seu palácio e Deus o puniu lançando-lhe pragas. Assim o Faraó a devolve para seu marido e manda-os embora.

Abrão, com cerca de oitenta anos, lamenta com Deus por não ter lhe dado descendência e o fato de que, nessa condição, um servo seria seu herdeiro. Sarai em busca de solução para o fato de não ter dado um sucessor ao marido lhe cede sua serva egípcia, Agar, para que assim possa ter um filho de seu sangue. Porém, quando a gravidez ocorre, Sarai a sente como uma injúria e maltrata sua serva até que ela fuja. Porém, um anjo diz para Agar retornar à sua senhora, sendo submissa, e dar o nome de Ismael a seu herdeiro.

Quando Abrão tem 90 anos e Sarai 80, Deus faz uma aliança com ele e afirma que será pai de uma multidão de nações. A partir de então, seu nome será Abraão. Além disso, Deus diz que lhe dará e à sua raça sucessora a terra de Canaã. A circuncisão dos sucessores homens de Abraão significa a aliança entre ele e Deus, que também afirma que Sarai passará a se chamar Sara e seu filho deverá se chamar Isaac. Ele diz: *“Eu a abençoarei e dele te darei um filho; eu a abençoarei, ela se tornará nações, e dela sairão reis de povos”* (Gn 2:17).

Após esta aparição divina, Abraão recebeu a visita de três servos, a quem alimentou e deu água. Um deles lhe disse que no ano seguinte voltaria e encontraria sua mulher grávida. Sara ouve a conversa e ri, duvidando de que ainda conseguiria ter um filho com tal idade.

Abraão em viagem a Gerara, como de costume, diz ao rei Abimelec que Sara é sua irmã. O rei, após tomar Sara em suas mãos, recebe a visita de Deus em sonho que lhe diz que ele seria morto se tomasse uma mulher casada. Abimelec afirmou ser inocente, afinal não sabia que Abraão e Sara eram casados e a devolve ao profeta. Abraão intercedeu junto a Deus e Ele curou Abimelec e seus servos, pois havia tornado inférteis todas as mulheres da casa do rei por causa de Sara. Esta, por sua vez, finalmente engravidou de Abraão e tiveram Isaac.

Por pedido de Sara e concessão de Deus, Abraão expulsa Agar e Ismael, seu filho, que foram protegidos por um anjo enviado por Deus. Sara morreu com cento e vinte e sete anos e Abraão com cento e setenta e cinco anos. Ismael é considerado o progenitor dos povos árabes e Isaac do povo judeu.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Em livro sobre a história da esposa, Yalon (2002) afirma ser relevante o conhecimento das esposas bíblicas e da antiguidade, uma vez que, a religião e práticas legais e sociais destas civilizações proveram o modelo para o tratamento das mulheres casadas no Ocidente moderno.

“O papel de esposa como bem móvel do homem, sua dependente, seu meio para adquirir descendência legal, mãe zelosa de seus filhos, cozinheira e dona de casa é hoje abominado por muitas mulheres, mesmo que em certos aspectos essas obrigações antiquadas ainda perdurem no inconsciente coletivo” (Yalon, 2002, p. 21).

Dessa forma, as mulheres que abominam tais papéis estão se rebelando contra padrões sociais que vigoraram por mais de dois mil anos.

A partir da história de Sara, é possível refletir sobre o papel da mulher nos tempos bíblicos, com a particularidade desta ser apresentada como infértil. Portanto, este mito apresenta-se como instrumento para análise dos aspectos vigentes na época em relação à mulher infértil e, conseqüentemente, daquilo que ainda perdura hoje no inconsciente coletivo acerca da questão.

Levando em consideração o modelo positivo de esposa dos antigos hebreus, judeus e cristãos, Sara, em seu papel de mulher e esposa, é considerada um exemplo de força e submissão. Obedece a Abraão mesmo quando sua ordem implica em deitar-se com outro homem, como nas situações em que foi tomada pelo Faraó do Egito e pelo Rei Abimelec. Essas atitudes faziam com que o casal aumentasse suas posses e, portanto, tinham uma conseqüência positiva para ambos (Yalon, 2002).

Agar aparece na história como uma solução encontrada por Sara, que deseja oferecer um herdeiro ao marido e, para isso, estimula Abraão a tomar sua serva como segunda esposa. Este fenômeno pode ser comparado à barriga de aluguel dos dias atuais, acordo chamado contrato de gestação, em que uma mulher engravida de uma criança que será criada por outra mulher ou realiza doação de óvulo que será fertilizado no útero da gestante.

Com o tempo, Sara sente-se ofendida pelo fato de Agar poder dar um filho a seu marido, enquanto ela não podia fazer o mesmo, e pressiona-o para que se decida entre as duas. Abraão escolhe Sara e a serva é expulsa ao exílio, porém Deus intervém enviando-a de volta para dar a Abraão seu primeiro herdeiro, Ismael.

Neuenfeldt (2007) afirma que nos textos bíblicos, a fertilidade das mulheres e suas experiências em torno da concepção são causadoras de rivalidade entre elas, trazendo a idéia de que a segurança feminina está atrelada a sua capacidade de ter um filho. Yalon (2002) também faz referência à competição existente entre as mulheres bíblicas em relação à maternidade, fruto de uma sociedade que dava grande valor à mulher que realizava o papel de esposa e mãe. Em blogs atuais pesquisados pode-se observar que tal rivalidade entre as mulheres é presente ainda hoje, o que é explicitada na seguinte frase:

“A menina (...) tinha ódio quando alguém do trabalho engravidava, chegava até a maltratar a pessoa que estava feliz com o bebe...”

Sara é designada na Bíblia como estéril, ou seja, aquela que não pode dar filhos ao marido. No versículo 29 quando Sara e Abraão se casam, quase nada é dito sobre ela e a ela não é atribuída nenhuma ascendência, ou seja, antes de tornar-se esposa de Abraão, Sara não tinha identidade. Portanto, é designada pela omissão de ascendência e impossibilidade de produzir descendência.

Na sociedade israelita antiga a identidade se dava por meio da descendência patrilínea, que faz da relação pai e filho a base exclusiva da ordem social e da descendência geracional. A partir disso, as mulheres não possuíam descendentes e quando casadas eram como estrangeiras na família de seus maridos até gerarem filhos. Sobre isso Chwartz (2004) afirma:

“A maternidade implica o delineamento de uma esfera pessoal (em torno dos filhos ou da família nuclear), na qual a mãe adquire alguma segurança (principalmente em termos de herança, no caso de morte do marido), autoridade (no que diz respeito à sua família nuclear) e status (o de mãe)” (p.41).

Deste modo, fica claro na história apresentada que a responsabilidade pelo fato do casal não ter um filho é atribuída à mulher. Esse pensamento provém de uma

sociedade patriarcal que assume como principal função da mulher a concepção de um filho para que a hereditariedade seja possível. Essa visão está associada ao fator biológico, de que apenas a mulher pode conceber um filho, e a fatores econômicos, em que a hereditariedade apresentava extrema importância no que se refere à continuidade dos bens familiares.

Segundo Rosa (2008), no patriarcado o homem é responsável pela autoridade política e social e a esposa tem a função de gerar herdeiros legítimos e assim garantir a continuidade da família. Devido ao fato desse ser o papel social esperado que a mulher exerça, até há pouco carregava o ônus pela infertilidade, já que atualmente os homens também participam dos tratamentos de RHA em alguns contextos.

Além disso, a impossibilidade de ter filhos é explicada na história de Sara como algo decorrente da vontade divina e que pode ser entendida como um destino previsto para ela e Abraão e, mais do que isso, para os povos que deles descendem mais adiante. Nas escrituras, o nome não designa apenas o sujeito, mas sua natureza e, portanto, a mudança do nome de ambos refere-se a uma mudança de destino, representando a aliança com Deus. Portanto, o destino pode ser transformado somente através da vontade divina, que aparece como consequência do comportamento daqueles que estão submetidos a Ele.

As frases retiradas de blogs apresentadas a seguir enfatizam que, ainda hoje, muitas mulheres associam sua condição de não poder ter filhos e a possibilidade de cura à vontade divina (grifos da autora):

*“Por vezes penso que **Deus** é injusto ao não nos dar um filho.”*

*“(...) talvez eu faça meu novo tratamento em janeiro, vamos ver, pra ser sincera, não estou aflita, desta vez estou mais tranqüila, **me entreguei nas Mãos de Deus**, ele vai me conduzir na hora certa o que tiver que fazer....”*

*“(...) vejo que farei 33 anos e nada de gravidez...isso me deixa triste... a idade vai chegando...e aí já sabem... o medo toma conta..... mas **tenho Fé em Deus de que um Milagre vai acontecer em minha vida.**”*

*“É como se eu estivesse medindo forças com **Deus**. Ele falando, “não vou te mandar o bebê”, e eu dizendo “mas eu quero agora!””*

Da mesma forma que nos escritos bíblicos a infertilidade pode ser curada por Deus, atualmente a infertilidade pode ser superada pelas técnicas de RHA, porém, mesmo existindo diversos tratamentos, a ciência não apresenta garantias de sua efetividade. Há, portanto, desafios no que diz respeito aos resultados dos tratamentos realizados e aos diagnósticos sem causas biológicas, o que ainda representa um grande mistério sobre o assunto.

No episódio em que o rei Abimelec toma Sara sem saber que ela é mulher de Abraão e Deus torna todas as mulheres do seu reino inférteis, a infertilidade aparece claramente como uma forma de punição divina. Além disso, Sara engravida de Abraão apenas quando este estabelece aliança com Deus, e, portanto, é possível concluir que a fertilidade aparece como uma recompensa para aquele que cumpriu a Sua vontade.

Segundo Neuenfeldt (2007), a procriação e a maternidade aparecem na Bíblia como bênçãos. A procriação aparece em decorrência de uma motivação social, uma vez que, nos tempos bíblicos do Antigo Testamento, quanto maior o número de descendentes, maior o status social da pessoa. Portanto, a infertilidade aparece como algo extremamente negativo para a mulher e a fertilidade como o ideal de desempenho, de acordo com o papel social prescrito para as mulheres.

Lembrando o mito bíblico da criação, Eva, ao contrariar os mandamentos de Deus e levar Adão à tentação, recebe como consequência de seu ato a punição divina. Ela e todas as mulheres são castigadas com os sofrimentos da maternidade e Adão e todos os homens com o fardo do trabalho. A partir de então, a mulher passa a ocupar a posição de subordinada ao homem. (Yalon, 2008)

Aqui fica claro que a fertilidade, tão valorizada historicamente, está diretamente associada aos sofrimentos da maternidade, punição dada à Eva e a todas as mulheres. Dessa forma, simbolicamente, este é um fardo que a mulher tem a obrigação de carregar para redimir-se do pecado realizado pela primeira figura feminina.

Portanto, a infertilidade, que pode ser entendida como uma punição divina, levando-se em conta o episódio do Rei Abimelec, também representa, na história da

mulher, a impossibilidade de desatar o nó feito, simbolicamente, por Eva e cumprir com o castigo depositado nela historicamente.

Sobre isso, Chwartz (2004) afirma que:

“O patriarca errante e a matriarca estéril estão desraizados tanto da bênção divina ‘crescei e multiplicai-vos’ como da punição divina segundo a qual a mulher terá numerosos filhos e o homem trabalhará a terra” (p.15).

Sara é inicialmente infértil e Abraão desenraizado, residente temporário de uma terra a qual não pertence, marcada pela seca e pela fome. Dessa forma, a infertilidade representa um estado intermediário, que pode ser representado pela imagem do limbo, aonde não existem nem penas e nem purificações.

A partir dessa reflexão, é possível afirmar que, além de Sara, Abraão também se encontra em uma posição de infertilidade, no que diz respeito a não-detenção de terras. Essa conclusão é possível se levarmos em conta um dos significados do radical “qr” que se refere a desenraizar. Yalon (2002) afirma que a esterilidade é representada na partida de Abraão com sua família de sua terra natal.

Portanto, mulher e homem apresentam-se como estéreis, sendo essa uma condição do casal, embora a situação da esterilidade seja atribuída na história apenas à mulher. Atualmente houve um resgate dessa idéia, a partir da qual ambos os membros do casal são considerados inférteis quando se deparam com a impossibilidade de gerar um filho. Isso se deu devido aos avanços da ciência e transformação do papel social da mulher. A infertilidade passa então a ser entendida a partir de uma visão multifatorial e, principalmente, como um diagnóstico do casal. Exemplificamos com as frases apresentadas a seguir o modo como as mulheres atualmente expressam tal conquista:

*“Porquê **Nós**? Foi o pensamento que tive quando descobrimos o **nosso** problema.”*

*“Claro que a **nossa** condição ainda me magoa muito. Esta dor nunca irá desaparecer, mas encontrei um equilíbrio muito grande e sinto-me muito bem.”*

*“Cá continuo na minha vidinha diária, tentando usufruir das alegrias que ela nos dá e tentando esquecer-me da **nossa** realidade de casal infértil. Continuamos sem planos de como alcançar o nosso filho.”*

Chwartz (2004) confirma a idéia de que, em todos os casos apresentados na Bíblia Hebraica, a esterilidade é criada por Deus e só pode ser redimida por Ele. Porém, oferece uma nova visão sobre o assunto afirmando que, apesar de referir-se a improdutividade, fraqueza e morte, a esterilidade em alguns casos bíblicos, como o de Sara e Abraão, representa uma abertura à potencialidade, na qual a revelação divina é manifesta. Dessa forma, na história aqui apresentada, a esterilidade apresenta-se como um estado transitório e como campo para transformações.

Ainda segundo a autora, a essência da promessa de Deus a Abraão é descendência, status e terra. Porém, ele encontra diversos obstáculos no caminho, uma vez que a terra está ocupada, ele é estrangeiro, sem destino e sua esposa, estéril. Temos, portanto, a promessa divina de descendência e posse da terra e a realidade de infertilidade e desenraizamento.

Assim, em um primeiro momento a esterilidade é uma condição estabelecida por Deus, depois Ele se revela na esterilidade e, por fim, o estado de esterilidade é removido. Os radicais do hebraico moderno são utilizados para designar esses três momentos: ‘aqirah (desenraizamento), ‘aqarut (esterilidade) e ‘iqar (fundamento). A autora conclui, portanto, que a esterilidade é apresentada na Bíblia como um caminho pelo desprovimento cujo desfecho é positivo, rompendo com seu caráter negativo.

“A Bíblia apresenta a esterilidade como estado transitório, campo para as transformações, individuais e corporadas, de status. Nesse estado intermediário se vivenciam a escassez, o desnudamento, “o pequeno eu”. Nesse estado, no qual D’ [Deus] se manifesta, espaço e tempo são estruturalmente sagrados, e as modificações se processam por meio do poder de transformação da divindade” (Chwartz, 2004, p. 21).

Podemos concluir, portanto, que a infertilidade na Bíblia, especificamente na história de Sara e Abraão, aponta duas direções paradoxais: de um lado é representada como punição divina para aqueles que O desobedeceram e, de outro

lado, como estado intermediário, potencialidade da manifestação divina e possibilidade de transformação.

Dessa forma, é possível interpretar que a punição, como conseqüência da infertilidade, encontra forma na consciência coletiva, ou seja, é expressa na sociedade através do sofrimento vivido pelas mulheres nessa condição e pelo intenso desejo de cumprir o papel social da maternidade. Isso é atravessado por diversas questões como a rivalidade entre as mulheres em relação à concepção, a falta de apoio da sociedade em relação às pessoas inférteis e o conseqüente isolamento social das mesmas.

Individualmente, é possível afirmar que o ego da mulher infértil ficou reduzido à possibilidade de gerar um filho e ela está identificada, de forma rígida, com a persona ideal esperada socialmente, em que o seu principal papel social é a maternidade, função que está impossibilitada de exercer. Assim como Sara, que antes de se casar com Adão não tinha identidade e apenas era designada por meio da negação da ascendência e da impossibilitada de ter filhos, atualmente as mulheres revivem este papel social. Isso pode ser afirmado, pois, dos blogs pesquisados, em três deles as autoras apresentam-se na página inicial a partir de suas condições de inférteis em busca da possibilidade de serem mães:

“(...) Há 3 anos estou em busca do meu maior sonho: ser Mãe.”

“(...) Juntos, estamos enfrentando as barreiras dessa tal infertilidade!”

“Temos 33 anos. Sofremos de infertilidade, mas não vamos desistir!”

Verifica-se que, coletivamente, espera-se que a mulher cumpra com seu papel social de uma forma rígida, considerando que os princípios femininos podem ser expressos apenas através da maternidade.

Em oposição a essa idéia, considerando a visão apresentada por Chwartz (2004), em que a infertilidade pode representar a possibilidade de transformação e expressão divina, apresentamos a hipótese de que a impossibilidade de gerar filhos pode levar a mulher a uma transformação da personalidade total, buscado outras maneiras de realizar seu ser feminino. Isso pode ser afirmado, uma vez que, a figura

divina estaria representando, simbolicamente, o Self, ou seja, a totalidade do indivíduo.

Chevalier et al (2009) no *Dicionário dos Símbolos* explicam que o simbolismo atribuído às divindades referem-se às qualidades idealizadas do homem, uma vez que as divindades muitas vezes são representadas ajudando o ser humano ou fornecendo-lhe armas. Porém, o que de fato o socorre são seus próprios atributos e, portanto, a vitória dos conflitos da alma é atribuída à força intrínseca do próprio homem. Assim, a expressão divina, entendida simbolicamente, representa os potenciais do próprio ser humano em seu inconsciente coletivo arquetípico.

Dessa forma, ao considerar a infertilidade como uma manifestação psicossomática e, de acordo com a Psicologia Analítica, uma disfunção no eixo ego-Self, ela pode representar para a mulher nessa condição um desequilíbrio entre o ego punido, que carrega o caráter negativo da impossibilidade de ter filhos, e o Self como totalidade, que representa os potenciais da mulher. Assim, a mulher infértil está desvinculada do seu Self. Apesar dessa análise representar a vivência psíquica coletiva, cada mulher, individualmente, vive esse símbolo de forma particular, de acordo com sua história pessoal.

Ainda de acordo com a abordagem junguiana, a infertilidade apresenta, além de uma origem disfuncional, uma finalidade, que pode ser entendida como uma convocação à mulher para entrar em contato com seu mundo interno, integrando conteúdos inconscientes e conscientes, e tendo como consequência disso a transformação da personalidade total. Essa transformação, a partir da possibilidade de relação com o Self, pode trazer soluções criativas para novas formas de fertilidade e expressão do seu eu genuíno e, a partir disso, apontam na direção da individuação.

Dessa forma, a vivência da impossibilidade de gerar um filho pode representar a necessidade de autoconhecimento por parte das mulheres, tanto individual como coletivamente, para que, a partir disso, possam entender e transformar seu papel social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão realizada, levando em consideração o papel da mulher em nossa sociedade e a análise dos materiais pesquisados, foi possível chegar a hipóteses consistentes sobre como esse assunto é vivenciado atualmente em nossa sociedade, tanto no âmbito social como psíquico, a partir de sua simbologia.

Verificamos que, socialmente, se exige das mulheres uma persona rígida e há uma pressão para que os princípios femininos sejam vivenciados por meio da maternidade, ficando clara a ilusão de que essa seria a única forma de exercer a feminilidade. É importante trazer à consciência que existem outras formas de expressão dos princípios femininos, que podem ser integrados aos princípios masculinos, unindo assim as duas possibilidades.

Como foi abordado no capítulo 3 “Psicologia Anaítica: Principais Conceitos e Fundamentos”, para que o indivíduo avance no sentido da individuação, é de extrema importância a integração entre os pólos opostos, em que os conteúdos inconscientes passem a fazer parte da consciência, gerando uma ampliação da mesma. Dessa forma, particularmente no âmbito da infertilidade, verifica-se a necessidade de conscientização do arquétipo contrassexual, no caso da mulher o animus, de uma maneira em que este possa ser integrado na vivência psíquica, havendo assim uma evolução da experiência rígida de um só pólo para a ampliação da consciência.

Considerando as diferentes fases do desenvolvimento, no que se refere ao coletivo, verifica-se a necessidade de passagem da Era Patriarcal para a Era da Alteridade, em que o predomínio da hierarquização dos opostos dá lugar à integração dos contrários. A partir disso, torna-se possível a transformação dos papéis sociais da mulher e do homem. Levando em consideração o mecanismo de compensação no âmbito coletivo, podemos afirmar que, atualmente, vivemos uma fase de transição na qual os papéis rígidos, onde predominam o determinismo e a negação do feminino, estão dando lugar a formas de pensar, mais integradoras e dialéticas.

Além disso, considerando a infertilidade como um desequilíbrio na relação ego-Self, neste contexto no qual é proposta uma experiência rígida dos princípios femininos, verifica-se a necessidade de tratamento de mulheres nessa condição, no sentido de integração dessas duas polaridades. É necessário que as mulheres inférteis elaborem psicologicamente os conteúdos negativos sobre a infertilidade,

presentes no ego e sentidos como formas de punição, e tragam à consciência a potência transformadora do inconsciente coletivo para novas formas de fertilidade.

Tais mulheres devem ser orientadas no sentido de refletirem sobre seus potenciais e sobre suas qualidades individuais, ou seja, sobre aquilo que são como indivíduos, pois provavelmente encontram-se fixadas e identificadas na persona de mãe exigida socialmente. É também importante para a individuação que o ego se desenvolva a partir da integração do Self, como tendência pessoal de personalidade, com a realidade externa, ou seja, entre a individualidade potencial interior e a coletividade externa.

Esse trabalho pode ser realizado a partir de grupos terapêuticos em hospitais e clínicas, em que as mulheres e seus companheiros possam entrar em contato com as próprias questões relacionadas à infertilidade e compartilhá-las com outras pessoas que vivem situação semelhante. Além disso, a psicoterapia é uma via de tratamento importante para que cada sujeito entre em contato, de forma mais aprofundada, com seu mundo interno no sentido de aproximar-se de sua individualidade. A partir disso, seriam abertas possibilidades de maior reflexão sobre as causas e finalidades da infertilidade e de contato com as potencialidades para outros meios de fertilidade, que não apenas a maternidade.

Visto a grande complexidade do tema da infertilidade e sua atualidade, cabe a realização de mais pesquisas nessa área, que busquem explicar esse fenômeno de forma aprofundada e vislumbrem direções de tratamentos possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Edição Paulinas, 1973

ANGELO, Melina Lólia de; MORETTO, Maria Livia Tourinho; LUCIA, Maria Cristina Souza. Os Filhos da Ciência: Sobre a Maternidade na Reprodução Assistida. *Mental*, Barbacena, v. 7, n. 12, p. 39-51, 2009.

BADINTER, E. *Um Amor Conquistado: A Mito do Amor Materno*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Maternidade: Novas Possibilidades, Antigas Visões. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.

CHWARTZ, Suzana. *Uma Visão da Esterilidade na Bíblia Hebraica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

CORLETA, Helena Von Eye. Fertilização in Vitro: Mais de 4 Milhões de Crianças Nascidas e um Prêmio Nobel. *Rev. HCPA*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, 451- 455, 2010.

EMIDIO, Thassia Souza; HASHIMOTO, Francisco. Poder Feminino e Poder Materno: Reflexões Sobre a Construção da Identidade Feminina e da Maternidade. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 5, n. 2, p. 27-36, dez. 2008.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Mães e Madrastas: Mitos Sociais e Autoconceito. *Estudos de Psicologia*, Rio Grande do Sul v. 5, n. 2, p. 421-441, 2000.

FARINATI, Débora Marcondes; RIGONI, Maisa dos Santos; MÜLLER, Marisa Campio. Infertilidade: um Novo Campo da Psicologia da Saúde. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 23, n. 4, p.422-429, 2006.

FREITAS, Marcia de; SIQUEIRA, Arnaldo; SEGRE, Conceição. Avanços em Reprodução Assistida. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 93-97, 2008.

GORAYEB, Ricardo et al. Caracterização Clínica e Psicossocial da Clientela de um Ambulatório de Esterilidade. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 287-296, 2009.

JUNG, C. G. (1971). *Psicologia do Inconsciente*. 17. ed Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

JUNG, C. G. (1954). *Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

KATO, Angela Maria Carcassoli. Um Estudo Sobre a Relação entre Feminilidade e Esterilidade Primária Feminina, sob o Enfoque da Psicologia Analítica. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 19-30, 2004.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz et al. Aspectos Psicológicos da Infertilidade Conjugal. *Femina*, Rio de Janeiro, v. 33. n. 1, 2005.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz et al. Estudo de Aspectos Psicológicos em Mulheres Inférteis. *Acta Cirúrgica Brasileira*, São Paulo, v. 22, n. 1, 2005.

MOURA, Marisa Decat de; SOUZA, Maria do Carmo Borges de; SCHEFFER, Bruno Brum. Reprodução assistida: Um pouco de história. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 23-42, 2009.

NEUENFELDT, Elaine G. Diálogo entre a Leitura Popular e a Leitura Feminista da Bíblia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p 117-128, 2005.

NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*. São Paulo, Cultrix, 1968.

NEUMANN, E. *A Grande Mãe: um Estudo Fenomenológico da Constituição Feminina do Inconsciente*. São Paulo, Cultrix, 1974

PENNA, Eloísa Marques Damasco. O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 71-94, 2004.

PINHEIRO, Loriane Lutz. *A Vivência do Feminino e a Infertilidade em nossos dias: Uma Visão da Psicologia Analítica*. São Paulo, 2001. 60p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RAMOS, Denise Gimenez. *A Psique do Corpo*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Summus, 2006.

ROSA, Rita de Cássia Ferrer de. *Aspectos Emocionais Investigados na Infertilidade Através do Método de Rorschach*. São Paulo, 2008. 199p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde – Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

STEIN, M. Jung: *O Mapa da Alma: Uma Introdução*. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TAMANINI, Marlene. *Reprodução Assistida e Gênero: o Olhar das Ciências Humanas*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2009.

TOURINHO, Julia Gama. A mãe Perfeita: Idealização e Realidade – Algumas Reflexões sobre a Maternidade. *IGT na Rede*, Brasília, v. 3, n. 5, p. 1 – 33, ago. 2006. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=24&layout=html>>. Acesso em: 9 jun. 2010.

TSO, Leopoldo de Oliveira e Filho; OSCAR Barbosa Duarte. *Epidemiologia da Infertilidade*. In: Dirceu Henrique Mendes Pereira; Mario Cavagna; Arthur Dzik; Waldemrar Neves do Amaral (org.) *Tratado de Reprodução Humana Assistida*. São Paulo: SBPH, 2010.

WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

Whitmont, E. *O Retorno da Deusa*. São Paulo: Summus, 1991.

VARGAS, Eliane Portes. Quando a Internet é Parte do Campo: Descrições Etnográficas e Reprodução Humana em Websites de Saúde. *Rev. Textos de La CiberSociedad*, n. 16. 2008.

YALON, Marilyn. *A História da Esposa: da Virgem Maria a Madonna: o Papel da Mulher Casada dos Tempos Bíblicos até Hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

In: Ministério da Saúde. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/sas/mac/area.cfm?id_area=832>. Acesso em 5 fev 2010.

In: O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101005/not_imp620438_0.php>. Acesso em 9 mai 2011.

In: Classificação Estatística Internacional de Problemas e Doenças Relacionados à Saúde (CID 10), 1998. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/da000001.pdf>>. Acesso em 11 mai 2011.

In: Planejamento Familiar: Um Manual Global para Profissionais e Serviços de Saúde. Organização Mundial da Saúde. Disponível em <http://whqlibdoc.who.int/publications/2007/9780978856304_por.pdf>. Acesso em 18 mai 2011.

Blogs Pesquisados:

Disponível em <<http://laribeto.zip.net/>>. Acesso em 5 fev 2011.

Disponível em <<http://angelarcampos.blog.uol.com.br/>>. Acesso em 5 fev 2011.

Disponível em <http://milagrebebe.blogspot.com/>>. Acesso em 3 mar 2011.

Disponível em <<http://tambemquerosermae.blogspot.com/>>. Acesso em 12 abr 2011.

APÊNDICE 1

FRASES RETIRADAS DE BLOGS RELACIONADOS À INFERTILIDADE

Infertilidade como uma questão do casal (grifos da autora):

*“Porquê **Nós**? Foi o pensamento que tive quando descobrimos o **nosso** problema.”*

*“Claro que a **nossa** condição ainda me magoa muito. Esta dor nunca irá desaparecer, mas encontrei um equilíbrio muito grande e sinto-me muito bem.”*

*“Cá continuo na minha vidinha diária, tentando usufruir das alegrias que ela nos dá e tentando esquecer-me da **nossa** realidade de casal infértil. **Continuamos** sem planos de como alcançar o **nosso** filho.”*

Deus como responsável pela infertilidade/fertilidade (grifos da autora):

*“Por vezes penso que **Deus** é injusto ao não nos dar um filho.”*

*“(...) talvez eu faça meu novo tratamento em janeiro, vamos ver, pra ser sincera, não estou aflita, desta vez estou mais tranqüila, **me entreguei nas Mãos de Deus**, ele vai me conduzir na hora certa o que tiver que fazer...”*

*“(...) vejo que farei 33 anos e nada de gravidez...isso me deixa triste... a idade vai chegando...e aí já sabem... o medo toma conta..... mas **tenho Fé em Deus de que um Milagre vai acontecer em minha vida.**”*

*“É como se eu estivesse medindo forças com **Deus**. Ele falando, "não vou te mandar o bebê", e eu dizendo "mas eu quero agora!"*

Rivalidade entre mulheres inférteis:

“A menina (...) tinha ódio qdo alguém [sic] do trabalho engravidava, chegava até maltratar a pessoa que estava feliz com o bebe...”

Infertilidade como aspecto fundamental de identidade:

Frases presentes na página principal dos blogs aonde as autoras se apresentam:

“(...)Há 3 anos estou em busca do meu maior sonho: ser Mãe.”

“(...)Juntos, estamos enfrentando as barreiras dessa tal infertilidade!”

“Temos 33 anos. Sofremos de infertilidade, mas não vamos desistir!”